

## **TRAJETÓRIAS NA EAD: AS POSSIBILIDADES DO CIBERESPAÇO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO<sup>1</sup>**

**Eduardo Rangel Ingrassia<sup>2</sup>**

**Paula Fogaça Marques<sup>3</sup>**

**Rosa Maria Filippozzi Martini<sup>4</sup>**

**Faculdade Cenecista de Osório – FACOS / CNEC**

### **Resumo**

O presente artigo consiste na análise de possibilidades para práticas pedagógicas em educação a distância (EAD) contextualizadas ao ciberespaço. Apresenta-se primeiramente o cenário da EAD, pontuando suas gerações embasadas nos estudos de Moore e Kearsley (2010), Kenski (2013) e Moran (2011), ilustrando alguns indicadores dessa modalidade no Brasil. Posteriormente é delineado o ciberespaço, trazendo contribuições de Lemos, Lévy (2010) e Primo (2013), apresentando as possibilidades de efetivar as ações educativas a partir de dois espaços digitais: Ambiente Virtual de Aprendizagem e Mídia Social Digital. Por fim, aproxima para o diálogo dos cursos de graduação em EAD tendo como pano de fundo a evolução das contribuições do ciberespaço para esta modalidade de ensino.

**Palavras-chave:** Ciberespaço; Educação a Distância; Práticas Pedagógicas.

A educação a distância que hoje compõe os cenários sociais, apresentando propostas pedagógicas diferenciadas com apoio das tecnologias digitais (TDs) e

---

1 Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Educação e Cibercultura, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

2 Especialista e Mestrando em Educação. Professor dos Cursos de Graduação e Especialização da Faculdade Cenecista de Osório – FACOS / CNEC; Professor Tutor Presencial da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. [cead.cneceduardo@gmail.com](mailto:cead.cneceduardo@gmail.com)

3 Especialista e Mestranda em Educação. Professora dos Cursos de Graduação e Especialização da Faculdade Cenecista de Osório – FACOS / CNEC. [paulafogacamarques@gmail.com](mailto:paulafogacamarques@gmail.com)

4 Doutora em Educação. Professora do PPGE do Centro Universitário La Salle. [rosamfm@terra.com](mailto:rosamfm@terra.com)  
[cead.cneceduardo@gmail.com](mailto:cead.cneceduardo@gmail.com)

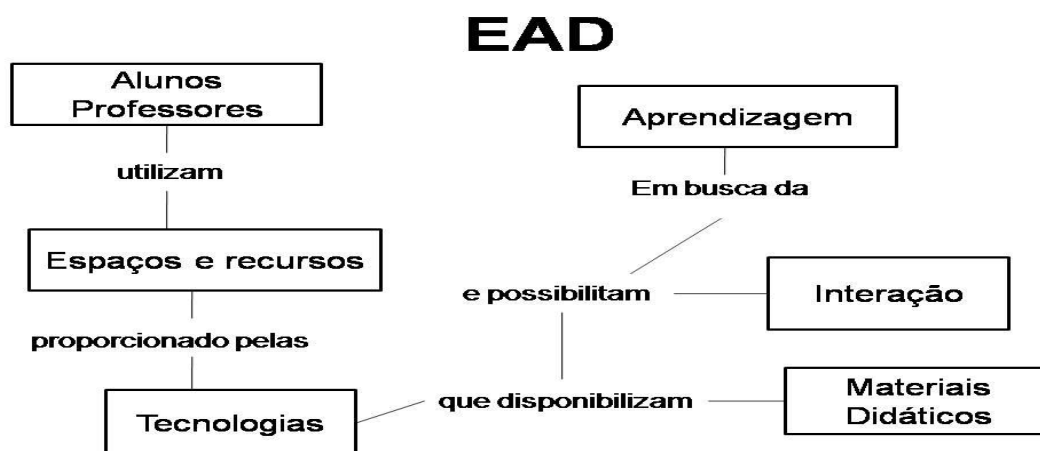
espaços digitais virtuais (EDVs), nem sempre foi configurada dessa maneira. Em um cenário em que as atuais tecnologias digitais não faziam parte das práticas da EAD outros meios eram utilizados, os quais foram os propulsores para que a busca em expandir e qualificar a proposta que atualmente encontramos em nossos cenários ganhasse vida e evoluísse ao longo dos anos. Normalmente, quando falamos em tecnologias nos remetemos a computadores, celulares e outros dispositivos que possibilitam acesso à internet, nos esquecendo dos livros, cartas e aparelhos audiovisuais mais antigos. A utilização dos livros, materiais impressos e correspondências foram às primeiras tecnologias que possibilitaram cursos na oferta em EAD, sendo assim a proposta dessa oferta considera os recursos tecnológicos para subsidiar suas práticas, porém não restringe a um ou outro recurso. Moore e Kearsley (2010, p. 1) apresentam que:

A idéia básica da educação a distância é muito simples: alunos e professores estão em locais diferentes durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem e ensinam. Estando em locais distintos, eles dependem de algum tipo de tecnologia para transmitir informações e lhes proporcionar um meio para interagir.

Conhecendo os fatores necessários para estabelecer as ações na EAD, destacamos os aspectos: tecnologia, comunicação e interação, pois eles irão possibilitar o acesso aos materiais e as trocas necessárias para enriquecer as bagagens e ampliar as aprendizagens dos sujeitos envolvidos. A EAD que vem ganhando cada vez mais espaço em nossa sociedade caracteriza-se pelo “aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do local do ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso e de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias [...]” (MOORE e KEARSLEY, 2010, p. 2). Assim podemos afirmar que é uma oferta que compreende um processo de reflexão e organização, prevendo as demandas que irão surgir durante as efetivas práticas com os sujeitos envolvidos, tanto no viés pedagógico como no administrativo.

Para sistematizar como a estrutura básica da EAD acontece, vejamos o esquema que segue:

Figura 1 - Esquema de EaD



Fonte: Os autores (2014)

### Trajetórias da EAD

Ao falarmos nos primeiros cursos com a proposta de EAD, podemos trazer o exemplo dos cursos por correspondência, que movimentaram o interesse dos sujeitos, apresentando uma possibilidade de formação profissional, considerando as dificuldades enfrentadas pelas classes sociais economicamente menos favorecidas. Nessa perspectiva histórica Moore e Kearsley (2010, p. 25) revelam que: “o histórico da educação a distância começa com os cursos de instrução que eram entregues pelo correio. Denominado usualmente estudo por correspondência [...]”.

Um grande pioneiro desse ramo no Brasil foi o Instituto Universal Brasileiro, que trouxe para sociedade a oferta de diversos cursos profissionalizantes sem exigir a necessidade do deslocamento para presença em espaço geograficamente estabelecido. Sua proposta consistia em proporcionar maior profissionalização aos cidadãos, preparando-os e qualificando-os para o mercado de trabalho, passando a imagem de que através do estudo é possível alcançar novas e melhores oportunidades. Os cursos por correspondência, muito semelhantes aos estudos em casa, apresentam menos possibilidades de interação entre os sujeitos inseridos, caracterizados conforme Moore e Kearsley (2010, p.50) conceituam:

[...] geralmente envolvem um grau reduzido de interação do aluno com o instrutor e nenhuma interação com outros alunos. As tarefas são entregues e



invenção de uma nova modalidade de organização da educação, de modo mais notável nas *universidades abertas*. Em seguida, na década de 1980, tivemos nossa primeira experiência de interação de um grupo em tempo real a distância, em cursos por áudio e videoconferência transmitidos por telefone, satélite, cabos e redes de computadores. Por fim, a geração mais recente da educação a distância envolve o ensino e aprendizado on-line, em classes e universidades virtuais, baseadas em tecnologias da internet.

Com a difusão do rádio e da televisão os recursos tecnológicos vão sendo ampliados, e começam a fazer parte dos materiais didáticos as videoaulas que dinamizam os conteúdos selecionados para a formação, com explicações e demonstrações de professores e instrutores. Um bom exemplo da segunda geração da EAD é o Telecurso 2000, que tem sua estrutura organizada partindo da seguinte concepção:

O Telecurso é uma tecnologia educacional, reconhecida pelo MEC, que oferece escolaridade básica de qualidade a quem precisa. No Brasil, ele é utilizado para a diminuição da defasagem idade-ano, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e como alternativa ao ensino regular em municípios e comunidades distantes. Desde 1995, a Fundação Roberto Marinho, por meio de parcerias com prefeituras, governos e instituições públicas e particulares, já implementou, em todo Brasil, 32 mil salas de aula com a Metodologia Telessala. Com essa metodologia, o professor atua como mediador de aprendizagem, utilizando, em suas aulas, os livros do Telecurso, as teleaulas e material didático complementar – cadernos de cultura, livros de literatura, dicionários, mapas. A metodologia prevê o ensino das disciplinas por módulos, e não séries, como o ensino regular no país.<sup>5</sup>

O Telecurso prevê a utilização de tecnologias em congruência com momentos presenciais, que investem na interação entre os sujeitos, visto que esse é um fator necessário quando falamos em formação. Esse conjunto de tecnologias e encontros presenciais ocorrem através de uma metodologia desenvolvida pelo programa denominada Telessala, inspiradas em práticas de estudiosos como Dom Helder Câmara, Paulo Freire, Célestin Freinet e Jean Piaget. A metodologia consiste basicamente na disponibilização das teleaulas aos alunos, que são acompanhados por um professor conhecedor da proposta metodológica.

Esse modelo agrega mais uma geração da EAD em sua história, que renova sua roupagem com as primeiras possibilidades de interação através do mundo digital virtual. O surgimento de novas TD inaugura os espaços que possibilitam interação

---

<sup>5</sup> Fonte: <<http://www.telecurso.org.br>>. Acesso em: 5 jul. 2014.

síncrona e assíncrona entre todos os envolvidos, e conforme Primo (2007) nos apresenta, nas atividades assíncronas “existem significativos espaços de tempo separando a emissão e recepção de mensagens. Nesses casos, o usuário escolhe quando quer ler e responder as mensagens.” (PRIMO, 1997, p.6) Já nas síncronas ocorre o oposto, sendo uma comunicação instantânea, em tempo real, pela qual “dezenas de pessoas podem se comunicar ao mesmo tempo.” (PRIMO, 1997, p. 7)

A geração mais recente da EAD oportuniza um conjunto de ações que são vivenciadas em espaços digitais virtuais os quais existem em congruência com o ciberespaço. Nesse contexto percebemos um olhar voltado às oportunidades que as máquinas, com seus softwares desenvolvidos em redes de informações, oferecem para estabelecer espaços de interação e vivências, nos quais é possível movimentar, expressar e emocionar. Podemos exemplificar tal período com a criação dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) que, através de seus recursos, abrem portas para dinamizar, diversificar e intensificar os movimentos das práticas pedagógicas, aproximando sujeitos e ensino. Podemos dizer que o grande ponto dessa evolução apresenta a viabilidade para a comunicação ubíqua, ampliando significativamente os espaços que favorecem essas ações.

Atualmente temos diferentes configurações de AVAs que, em sua riqueza de recursos e programas, ainda podem ser atreladas a espaços digitais virtuais externos a eles, diversificando os ambientes que os sujeitos habitam, oportunizando a autonomia da escolha de onde e quando participar. Essas mudanças são descritas como radicais na visão de Kenski (2013) nos revelando que “Por meio das tecnologias digitais é possível representar e processar qualquer tipo de informação” (KENSKI, 2013, p. 33). Kenski salienta nesse sentido ainda que através das TD da internet é possível:

[...] a comunicação entre pessoas para os mais diferenciados fins: fazer negócios, trocar informações e experiências, aprender juntas, desenvolver pesquisas e projetos, namorar, jogar, conversar, enfim, viver nossas vidas, que podem ser compartilhadas em pequenos grupos ou comunidades, virtuais. (KENSKI, 2013, p. 33).

A evolução da EAD na perspectiva de gerações leva à reflexão de que os reflexos estruturais de sua proposta histórica inicial ainda compõem os pilares que sustentam essa modalidade, sendo talvez o maior deles a oportunidade de acesso aos estudos rompendo as barreiras geográficas. Considerando esse elemento como

estrutural podemos dizer que todas as conquistas nesse campo em busca de ampliar a aproximação dos sujeitos geograficamente distantes oportunizou à EAD uma valorização de sua intenção e maior legitimidade em busca de um ensino que é ofertado visando qualidade e preparação pessoal, social e acadêmica.

### **Possibilidades do ciberespaço nas práticas pedagógicas.**

O ciberespaço nos apresenta um grande cenário que está articulado com os espaços digitais virtuais. Normalmente, ao falarmos desses dois aspectos, é costumeiro dizer que ambos representam funcionalidades e representações idênticas, porém ao estudarmos mais a fundo tais conceitos percebemos que existem diferenças. Essas diferenças não os separam e sim os integram para possibilitar as redes de comunicação e interação. Buscar entender o que é de fato o ciberespaço pode partir do que Lévy (2010b, p. 41) coloca, quando apresenta que “o ciberespaço não compreende apenas materiais, informações e seres humanos, é também constituído e povoado por seres estranhos, meio textos meio máquinas, meio atores, meio cenários: os programas.” Em sua contribuição percebemos que falar em ciberespaço não é somente listar uma grande quantidade de recursos tecnológicos e sim considerar que ele se constitui através das possibilidades de criar espaços de convivência e interação através de programas que trabalham com elementos da participação, exploração e memória. Esses movimentos dos sujeitos inseridos no ciberespaço, com apoio dos programas criados nele, estabelecem os espaços digitais virtuais que surgem da participação, registro e comunicação entre os sujeitos, possibilitando vivências através do virtual, onde diferentemente dos ambientes físicos, geograficamente localizados, não existem barreiras de comunicação estabelecidas pelo espaço (lugar).

Nesse sentido o ciberespaço pode ser considerado o lugar que disponibiliza os elementos necessários para criação dos espaços digitais virtuais. Ao tratar desse assunto existe uma grande presença dos termos “digital” e “virtual”. Quando nos remetemos ao digital consideramos que é o movimento de transcrever informações, utilizar códigos e elementos da informática para disponibilizar a informação ou conteúdo. Lévy (2010b, p. 48) apresenta o conceito de digitalização como “fundamento técnico da virtualidade”, que nos instiga a buscar entender o que é o

virtual. Buscando o melhor conceito para virtual voltamos nosso olhar ao campo filosófico, descrito por Lévy (2010b, p. 49):

Na acepção filosófica, é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma atualização. O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal (a árvore está virtualmente presente no grão).

O virtual nesse sentido apresenta a possibilidade para interação, comunicação e vivência. Ele surge como potência, revelando-nos diferentes maneiras de explorar e utilizar os elementos disponíveis no ciberespaço. Ainda cabe destacar um aspecto bastante interessante quando falamos em espaços e mundo virtual, no que tange o real e o imaginário. Por vezes, em nossa sociedade contemporânea, vemos uma cultura que concebe as práticas vivenciadas no mundo virtual como algo irreal, que impossibilita pensar que nele existimos, participamos e nos fazemos representar, pelo fato de não nos fazermos presentes em um espaço físico geograficamente localizado, porém mesmo com localizações diferentes nos encontramos nos espaços digitais virtuais, colocamos nossas impressões e deixamos marcas nele, trocamos com os sujeitos e vivemos novas experiências, assim como nas ações de encontro físico, onde os espaços são os mesmos. Não se pretende com isso estabelecer um comparativo se existe maior ou menor qualidade nas comunicações e interações estabelecidas face a face ou através do ciberespaço, muito menos pensar que um espaço substitui o outro, mas sim mostrar que tanto em espaços físicos geograficamente localizados como em espaços digitais virtuais as ações são reais, pois participamos ativamente das ações. Essa compreensão iniciou desde que surge o ciberespaço e em seu universo de lógicas de programação, integrando as novas TDs, oferece espaços para relações efetivamente significativas e reais, assim como já dizia Lévy (2010b, p. 50): “[...] ainda que não possamos fixá-lo em nenhuma coordenada espaço-temporal, o virtual é real. Uma palavra existe de fato. O virtual existe sem estar presente.” Sendo assim, partindo do que nos diz o autor, com o exemplo da *palavra*, percebemos que as ações que são efetivadas com auxílio dos computadores, celulares e outros tantos dispositivos eletrônicos são reais a partir da presença que legitimamos através da participação nos Espaços Digitais Virtuais (EDV).

Na perspectiva de pensar as possibilidades de comunicação e interação através dos EDV dispostos no ciberespaço, tencionamos o olhar para a relevância dessas



ações para o ensino. Como vimos anteriormente, as ações da EAD não exigem espaços geograficamente determinados para os estudantes e o docente se fazerem presentes, uma vez que são utilizados os EDV. Partindo da preocupação com a qualidade das práticas pedagógicas podemos disparar nossas reflexões baseados na ideia de que:

[...] é importante conectar sempre o ensino com a vida do aluno. Chegar ao aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia, pela interação on-line e off-line. (MORAN, 2011, p. 61).

Assim consideramos que independentemente do espaço em que estão localizados os sujeitos, o importante é oportunizar a participação ativa nas ações que compõem a qualificação e construção de conhecimentos. Nesse sentido, com as novas TDs surgem efeitos não só para a educação, seja ela presencial ou a distância, mas sim para os movimentos sociais que estão atrelados as ações da educação. Assim, Lemos e Lévy (2010) nos revelam que “as ações de produzir, distribuir, compartilhar são os princípios fundamentais do ciberespaço”.

Os espaços digitais virtuais, relacionando os aspectos tratados até aqui, possibilitam a abertura de um leque com diversos cenários a serem explorados, destacamos dois espaços:

- ✓ AVA;
- ✓ Mídia Social Digital: Facebook.

Muito utilizados nas atuais metodologias da EAD, os AVAs proporcionam um espaço para realização das atividades e também para comunicação entre professores e estudantes através de aparelhos eletrônicos com acesso à internet. O AVA disposto no ciberespaço cria um cenário com objetivo voltado para atividades educativas.

Por entender que os AVAs são cenários que podemos chamar de inovadores na EAD, ainda em nossos contextos educacionais temos muito a caminhar para considerar o trabalho com diferentes EDVs nas práticas pedagógicas. Um dos espaços que apresentam grande potencial para exploração de informação e novos meios de comunicação e interação são os das mídias sociais digitais, utilizadas de forma cada vez mais deflagrada em nossa sociedade. Diferente do Moodle, as MSD possibilitam o acesso de todos os sujeitos interessados em participar dela, exigindo somente a construção de um perfil que identifique o usuário.

É possível utilizar ferramentas de conversa, postagem de materiais, compartilhar informações, expressar opiniões e comentários, selecionar amigos, criar grupos por áreas de interesse, pesquisar e participar ativamente de movimentos que ocorrem em nossa sociedade. Sabendo as peculiaridades que compõem cada um destes espaços, a exploração dos mesmos nos sugere possibilidades do trabalho em busca de efetivar o processo de ensino e aprendizagem no meio digital.

A valorização de investir em momentos de diálogo e troca de saberes entre os sujeitos que estão inseridos no entorno de cursos de formação de professores é mais que necessário, uma vez que não aprendemos somente partindo do que está em livros, temos muito a explorar através de vivências. Podemos dizer que um dos desafios da EAD está em efetivar essas relações, pois a busca por espaços de comunicação e interação é o que se tem por objetivo indicar.

No AVA temos recursos que favorecem os movimentos de comunicação e interação, porém a intenção de tornar essa ação natural e ubíqua ainda é bastante distante. Já por sua vez a MSD vem sendo deflagrada através das inúmeras possibilidades dos recursos tecnológicos móveis. Estar atento a informações e movimentos sociais nunca foi tão fácil e rápido. As mídias, cada uma com seu objetivo, seja de marketing, vendas ou educativo, ganham espaço na vida dos estudantes, diferentes profissionais, donas de casa, entre uma diversidade muito ampla de sujeitos que a ela tem acesso. O movimento que estabelece a interação de tais sujeitos nos possibilita pensar um novo espaço a ser habitado: a MSD proporcionando uma rede social.

Para exemplo da importância e presença dos espaços digitais virtuais relacionando-se com as redes sociais vamos retomar as manifestações populares ocorridas no ano de 2013, onde os sujeitos partindo de compartilhamentos de informações e interações saíram da rede social no EDV e foram para as ruas para continuar os movimentos. Estes espaços possibilitam movimentos de comunicação ubíqua, através de narrativas, imagens e impressões. A vida em sociedade ocorre também através dos espaços digitais, integrando a vida fora da internet, que passa a ser retratada em tempo real, onde os acontecimentos ganham força pela coexistência de participação dos usuários. Um movimento pode ou não desencadear repercussões inesperadas, seja ele iniciado na rede virtual ou na rede geograficamente localizada.

Nesse sentido pensar no hibridismo tecnológico digital que agrega os diferentes espaços não limitando as ações educativas a um único espaço, busca ampliar as possibilidades para reflexões e ações na educação. O AVA dentro de suas possibilidades destaca-se por ser um espaço que facilita hospedar recursos de conteúdo e realização de tarefas, porém é um ambiente formal de aprendizagem, já a Mídia Social Digital através da rede social (espaço de interação) faz parte da vida social dos sujeitos, onde estão conectados a quase todo instante, acessam e interagem nele por motivos diversos, não somente educativos e sim de sua vida.

Assim pensar nas possibilidades para as práticas pedagógicas na EAD agrega-se o cenário da educação superior, no que diz respeito aos cursos de graduação ofertados nessa modalidade que utilizam em suas metodologias os AVAs. O contexto revela a necessidade constante do aprimoramento de práticas de rotina, voltadas às possibilidades ofertadas pelo ciberespaço. A forma de comunicação, a cultura, a construção do conhecimento, e as relações modificam-se constantemente, por isso este estudo se fez necessário, onde compreender os aspectos históricos da EAD embasam os motivos para explorar o ciberespaço nos cenários contemporâneos da educação, buscando contribuir nas esferas acadêmicas e sociais positivamente.

## Referências

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. São Paulo: Autores Associados, 2003.

COORÊA, Juliane (org.). **Educação a distância: orientações metodológicas**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. 2º Reimpressão. São Paulo: Papyrus, 2013.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010a.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010b.

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASSETO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 19. ed. São Paulo: Papyrus, 2011.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **A emergência das comunidades virtuais**. In: Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. Anais... Santos, 1997. Disponível em: <[http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades\\_virtuais.pdf](http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf)>.

\_\_\_\_\_. (org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

\_\_\_\_\_. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SCHLEMMER, E. **AVA: um ambiente de convivência interacionista construtivista sistêmico para comunidades virtuais na cultura da aprendizagem**. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – UFRGS, Porto Alegre, 2002.

SCHLEMMER, Eliane ; BACKES, Luciana ; SOARES, H. C. M. ; BANDEIRA, B. F. . **Espaço de convivência digital virtual na formação de professores: um estudo**

sobre as representações na interação. In: Virtual Educa Brasil 2007, 2007, São José dos Campos. Virtual Educa Brasil, 2007. v. 1.